



FACE A FACE

DEBBIE HARRY

Com a colaboração de
SYLVIE SIMMONS
e baseado em uma série de entrevistas exclusivas recentes

Direção artística de
ROB ROTH



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2021

SUMÁRIO

- INTRODUÇÃO 1
- 1 FILHA DE UM AMOR IMPOSSÍVEL 7
- 2 “PRETTY BABY,
YOU LOOK SO HEAVENLY” 19
- 3 CLIQUE, CLIQUE 41
- 4 CANTANDO PARA UMA SILHUETA 77
- 5 NASCIDA PARA O PUNK 95
- 6 POR UM TRIZ 115
- 7 DECOLANDO, VALENDO A PENA 147
- 8 MADRE CABRINI E
O CURTO-CIRCUITO 167
- 9 REFAZENDO CAMINHOS 187
- 10 CULPE A VOGUE 207
- 11 LUTAS E LUGARES
DESCONHECIDOS 243
- 12 O GOSTO PERFEITO 261
- 13 ROTINAS 289
- 14 OBSESSÃO/COMPULSÃO 323
- 15 POLEGARES OPOSITORES 347



FILHA DE UM AMOR IMPOSSÍVEL

Imagino que eles devem ter se conhecido por volta de 1930, no colegial. Namoradinhos de infância. Ela era uma garota escocês-irlandesa de classe média, e ele, um garoto francês do campo; ambos viviam em algum lugar próximo a Neptune e Lakewood, Nova Jersey. A família dela era musical. Ela e as irmãs tocavam juntas o dia inteiro. As irmãs cantavam enquanto ela tocava um velho piano surrado. A família dele também era artística e musical. No entanto, a mãe dele estava em uma enfermaria psiquiátrica por causa de uma depressão — ou de alguma condição nervosa recorrente. Invisível, mas cuja presença era poderosa. Para mim, soa forçado, mas foi o que me disseram na agência de adoção.

A mãe dela decidiu que ele era o tipo errado para sua filha. Proibiu a relação, e o amor deles foi destruído. Para eliminar de vez qualquer contato, ela a mandou para uma escola de música e, depois disso, a garota aparentemente começou a tocar em salas de concerto pela Europa e pela América do Norte.

Muitos anos se passaram. Ele se casou e teve muitos filhos. Agora, trabalhava em uma empresa consertando queimadores a óleo.

Um dia, foi atender a um chamado e bum! Lá estava ela: apoiada na soleira da porta, com os cabelos soltos e lançando-lhe aquele olhar. O aquecedor dela quebrara... É uma imagem e tanto, não é? Tenho certeza de que ficaram felizes em se ver.

Talvez eles nunca tenham deixado de se amar durante todos aqueles anos. Deve ter sido um reencontro maravilhoso. Ela engravidou; ele finalmente lhe contou que era casado e tinha filhos. Ela ficou com raiva e, com o coração partido, terminou tudo, mas queria ter o bebê. Ela levou a gravidez até o fim e, no hospital Miami-Dade, em 1º de julho de 1945, a pequena Angela Trimble impôs sua presença ao mundo.

Ela voltou para Nova Jersey com o bebê, onde sua mãe padecia de câncer de mama. Cuidava das duas; no entanto, sua mãe a convenceu a colocar a criança para adoção, e ela o fez — abriu mão de Angela. Seis meses depois, sua mãe morreu e sua filhinha estava morando com um casal sem filhos também de Nova Jersey. Richard e Cathy Harry, de Paterson, se conheceram em algum evento social depois do colegial. Os novos pais de Angela, também conhecidos como Dick e Caggie, lhe deram um novo nome: Deborah.

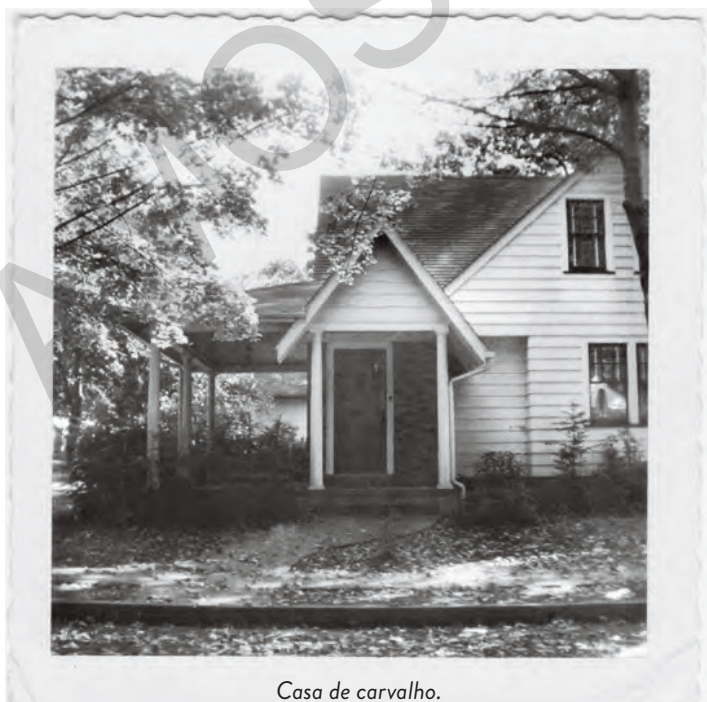
E é isso. Eu sou filha de um amor impossível.

Dizem que não é comum ter memórias do começo da vida, mas tenho várias. Minha primeira é de quando eu tinha 3 meses de idade, do mesmo dia que meus pais me buscaram na agência de adoção. Para comemorar, eles decidiram dar um passeio em um pequeno resort com uma fazendinha. Lembro-me de ser carregada para cima e para baixo, e tenho uma vívida memória visual de criaturas gigantes me espreitando do pasto. Uma vez, contei à minha mãe dessa lembrança e ela ficou chocada. “Meu Deus, foi no dia em que buscamos você, não é possível que se lembre disso.” Ela contou que havia apenas patos, gansos, uma cabra e talvez um pônei. Mas, aos 3 meses, eu não tinha como filtrar aquilo muito bem. Bom, já tinha vivido com

duas mães diferentes, em duas casas diferentes e tido dois nomes diferentes. Pensando agora, eu provavelmente estava em um estado de pânico extremo. O mundo não era um lugar seguro, e eu deveria manter os olhos bem abertos.

Nos meus primeiros cinco anos de vida, morávamos em uma casinha na Cedar Avenue, em Hawthorne, Nova Jersey, perto do Goffle Brook Park. O parque circundava toda a cidadezinha. Quando abriram a floresta para construí-lo, fizeram aquelas casas temporárias para trabalhadores migrantes — imagine dois casebres de beira de estrada cujo único aquecimento era um fogão salamandra. Morávamos na casa do patrão, que, na época, tinha seu próprio sistema de aquecimento e ficava à beira da maior área arborizada do parque.

Hoje em dia, existem várias atividades para as crianças. No entanto, tudo o que eu ouvia era “Vá brincar lá fora”; e ia. Eu não tinha



Casa de carvalho.

muitos amiguinhos lá, então, muitas vezes, brincava com a minha imaginação. Eu era daquelas crianças que sonham acordadas, mas também era moleca. Meu pai pendurou um balanço e um trapézio na enorme árvore no quintal, e eu brincava neles, fingindo que estava no circo. Ou então brincava com alguns gravetos, cavava um buraco, cutucava um formigueiro, construía alguma coisa ou andava de patins.

O que eu mais gostava era de perambular pelo bosque. Para mim, aquela era uma floresta mágica e encantada da vida real. Meus pais sempre me repreendiam: “Não entre no bosque, você não sabe quem está lá ou o que pode acontecer”, como se faz nos contos de fadas. E contos de fadas — todas as grandiosas histórias aterrorizantes dos Irmãos Grimm — foram uma parte muito importante da minha infância.

Tenho que admitir, havia algumas pessoas assustadoras andando por aqueles cantos, provavelmente migrantes. Eram verdadeiros errantes, que viajavam de trem e se instalavam nos bosques. Talvez conseguissem algum trabalho na administração de parques, cortando grama ou algo do tipo, e depois pegariam o trem e iriam para outro lugar. Havia raposas e guaxinins, às vezes alguma cobra, e um pequeno fluxo de rios afluentes, com sapos e rãs.

Ao longo dos córregos, aonde ninguém ia, havia apenas as estruturas abandonadas do que um dia foram barracões. Eu costumava andar por ali, em meio às pilhas de tijolos lamacentas, velhas, bolorentas e cheias de mato que se destacavam no chão. Eu me sentava ali por um longo tempo e sonhava acordada, com aquele sentimento assustador e infantil que todos têm. Sentada, com os quadris contra o mato baixo, eu fantasiava sobre fugir com um índio selvagem e comer os frutos do sumagre. Meu pai apontava o dedo para mim e dizia: “Fique longe dos sumagres, são venenosos”, e eu ia direto mastigar aquelas frutinhas incrivelmente amargas e ardidas pensando, de forma dramática, *Vou morrer!* Fui muito sortuda por ter tido todo esse tipo de esquisitice infantil — uma grande vida fantasiosa

que me levou a ter um pensamento criativo — junto com a TV e os agressores sexuais.

Eu tinha um cachorro chamado Pal. Ele era uma espécie de terrier marrom avermelhado, completamente desgrenhado, com pelos duros, orelhas caídas, bigodes, uma barbicha e um corpinho horrroso. Na realidade, ele era do meu pai, mas era muito independente. E era rebelde — um verdadeiro macho que não tinha sido castrado. Pal era um galã. Ele escapulia e voltava depois de uma semana, completamente exausto de todas as aventuras que tivera.

Havia também centenas de ratos infestando o bosque. À medida que a cidade se tornava menos rural e mais populosa, os ratos começaram a se espalhar pelos quintais e a roer o lixo. Então, as autoridades locais colocaram veneno em algumas áreas do parque. Era uma mentalidade muito suburbana — e, vamos encarar os fatos, eles envenenavam tudo naquela época. Bem, Pal comeu o veneno. Ele ficou tão mal que meu pai precisou sacrificá-lo. Foi horrível.

Mas, de verdade, foi o melhor lugar para se crescer: uma autêntica vida de cidade pequena norte-americana. Graças a Deus, foi antes de existirem os centros comerciais. Tudo o que havia era uma ruazinha principal e um cinema, no qual a matinê no sábado custava US\$0,25. Todas as crianças iam lá. Eu amava filmes. Naquela época, ainda havia muitas terras cultiváveis — pequenos morros que serviam de pastos e pequenos sítios férteis; tudo fresco e barato. Mas, enfim, esses pequenos sítios desapareceram e, no lugar deles, surgiram construções habitacionais.

A cidade estava em transição, mas eu era muito nova para saber o que “transição” significava, ter um panorama ou mesmo me importar. Para nós, era uma cidade-dormitório, pois meu pai não trabalhava lá; ele viajava para Nova York, que não era tão longe, mas, nossa, parecia muito distante na época. Nova York era um local mágico: um

outro tipo de floresta encantada, cheia de pessoas, barulhos e prédios altos, em vez de árvores. Era muito diferente.

Meu pai ia lá para trabalhar, mas eu ia para me divertir. Uma vez por ano, minha avó materna me levava a Nova York para comprar um casaco de inverno na Best & Co., uma famosa loja de departamento conservadora e fora de moda. Depois, íamos ao Schrafft's, na Fifth-Third Street com a Fifth Avenue. Esse restaurante antiquado era quase como uma casa de chá britânica, em que senhoras bem vestidas se sentavam de forma afetada e bebericavam em xícaras de porcelana. Era muito respeitável — e um refúgio da correria da cidade.

Na época do Natal, minha família ia ver a árvore no Rockefeller Center. Assistíamos aos patinadores no rink e olhávamos as vitrines das lojas de departamento. Não éramos visitantes sofisticados indo ver um espetáculo na Broadway; éramos suburbanos. Se fôssemos assistir a um espetáculo, seria no Radio City Music Hall, embora tenhamos ido ao balé algumas vezes. Provavelmente foi isso que despertou meu sonho de ser bailarina, que não durou muito. O que durou foi minha empolgação e meu fascínio com as performances e toda a coisa de estar no palco. Apesar de adorar cinema, minha reação àquelas apresentações ao vivo era física — muito sensorial. Tive a mesma reação à cidade de Nova York, a seus cheiros, paisagens e sons.

Uma das minhas coisas favoritas na infância era viajar até Paterson, onde minhas duas avós moravam. Meu pai gostava de pegar as estradas secundárias, percorrendo todas as ruazinhas nas áreas de gueto. E naqueles dias, antes da gentrificação, grande parte de Paterson era muito velha e negligenciada, cheia de trabalhadores migrantes que iam procurar emprego nas fábricas e usinas de tecelagem de seda. Paterson havia conquistado o título de “Cidade da Seda”. As Grandes Cataratas do Rio Passaic acionavam as turbinas, que acionavam os teares. Aquelas cataratas me encararam ao longo de minha infância, graças ao jornal *Morning Call*: no cabeçalho, no

topo da primeira página, havia um desenho daquelas águas ondeantes feito à caneta e tinta.

Meu pai sempre dirigia muito devagar pela River Street, pois ela era cheia de gente e atividades. Havia os ciganos, que viviam na frente das lojas; havia as pessoas negras, que vinham do sul. Elas usavam roupas brilhantes e enrolavam os cabelos em turbantes. Para uma garotinha branca dos subúrbios de classe média baixa, era um deleite para os olhos. Incrível. Eu me pendurava na janela do carro, louca de curiosidade, e minha mãe ralhava: “Volte para o carro! Vão arrancar sua cabeça desse jeito!” Ela preferia não passar pela River Street, mas meu pai era uma dessas pessoas que gostam de fazer o que querem. Viva o papai!

Até hoje, acho enigmático o quão pouco se revelava sobre o lado do meu pai em nossa família. Ninguém falava deles, do que faziam ou de como foram parar em Paterson. Eu me lembro, quando já era bem mais velha, de interrogar meu pai sobre o que o avô dele fazia para ganhar a vida. Ele contou que o avô fabricava sapatos, ou talvez os consertasse, e era de Morristown, Nova Jersey. Suponho que era de uma classe baixa demais para que qualquer um da família, meu pai inclusive, quisesse estar relacionado a ele, o que eu achava lastimável. Mas papai sempre comentava o quanto o pai dele tinha sido sortudo por manter o emprego durante toda a Grande Depressão, vendendo sapatos na Broadway, em Paterson. Ele conseguiu ganhar dinheiro em uma época em que inúmeras pessoas não tinham emprego.

A família da minha mãe na Cidade da Seda era muito mais elitizada. O pai dela era membro da Bolsa de Valores antes da quebra e dono de um banco em Ridgewood, Nova Jersey; então, eles devem ter sido muito ricos em algum momento. Quando mamãe era criança, eles iam de navio para a Europa e visitavam as capitais em um *grand tour*, como diziam na época. Ela e todos os irmãos tinham ensino superior.

Vovó era uma senhora vitoriana, elegante e com aspirações de ser uma grande dama. Minha mãe era a filha caçula. Ela nasceu quando mi-

nha avó já era mais velha, o que causou muitos cenhos franzidos e insinuações sussurradas dentro de seu círculo educadamente escandalizado. Portanto, quando a conheci, ela já era bem idosa. Tinha longos cabelos brancos que chegavam à cintura. Todos os dias, Tilly, a criada holandesa, a amarrava em um espartilho cor-de-rosa completo. Eu adorava Tilly. Ela trabalhava para vovó desde quando emigrou para os Estados Unidos — primeiro como babá da minha mãe e depois como faxineira, cozinheira e jardineira da minha avó. Ela morava na casa na Carol Street, em um pequeno sótão cujas janelas abriam para o céu. Do outro lado do corredor, na parte usada como depósito, havia baús empoeirados cheios de coisas curiosas. Passei horas incríveis mexendo e remexendo em vestidos desgastados, papéis amarelados, fotos rasgadas, livros empoeirados, colheres esquisitas, rendas desbotadas, flores secas, vidros de perfume vazios e velhas bonecas com cabeças de porcelana. Então, enfim, um grito preocupado vinha de baixo, tirando-me dos devaneios. Eu fechava a porta com cuidado e saía de fininho... Até a próxima vez.

O primeiro emprego de verdade do meu pai após o colegial foi na Wright Aeronautical, uma fabricante de aviões, durante a Segunda Guerra Mundial. Depois disso, ele trabalhou na Alkan Silk Woven Labels, que tinha uma fábrica em Paterson. Quando eu era pequena e ele tinha que visitar essa fábrica, me levava junto. Fiz a visita guiada por lá muitas vezes, mas nunca consegui ouvir o que o guia falava, porque os teares eram muito potentes e barulhentos.

Os teares teciam mesmo. Eles eram do tamanho de nossa casa e suspendiam milhares de fios coloridos, enquanto as lançadeiras na parte inferior zuniam para lá e para cá. Na confluência de todos os fios, apareciam fitas que se enrolavam, metros e metros de etiquetas de seda. Meu pai as levava para Nova York e, assim como seu pai fizera, contribuía para as margens mais distantes do mundo da moda.

Quanto a mim, adoro moda desde que me entendo por gente. Não tínhamos muito dinheiro quando eu era criança e muitas das mi-

nhas roupas eram usadas. Nos dias chuvosos, quando não podia sair de casa, eu abria o baú de madeira da minha mãe. Ele era cheio de roupas que ela pegava de amigas ou que tinham sido doadas. Eu me vestia e desfilava pela casa usando sapatos, vestidos e qualquer coisa em que pudesse colocar minhas mãozinhas encardidas.

E a televisão, ah, a televisão. Uma tela fantasmagórica de sete polegadas, redonda como um aquário, posicionada em cima de uma gigantesca caixa de algo que faria uma casinha de cachorro parecer minúscula. Tinha um zumbido eletrônico irritante. O sinal vinha por meio de uma antena torta; em alguns dias era bom, em outros, péssimo — chegava tremido, falho, cheio de chuviscos e fraco.

Não havia muito ao que assistir, mas eu assistia. Nas manhãs de sábado, às 5h, eu me sentava no chão, hipnotizada, com os olhos grudados no teste de padrões, preto, branco e cinza, esperando os desenhos começarem. Então, começava a luta livre e eu também assistia, socando o chão e gritando, meus níveis de ansiedade disparando com aquela batalha bíblica do bem contra o mal. Minha mãe bradava, ameaçando jogar aquela porcaria fora se eu continuasse agitada daquele jeito. Mas não era esse o ponto, ficar toda agitada?

Eu era uma devota precoce e genuína daquela caixa mágica. Gostava até mesmo de ver a imagem se reduzir a um pontinho branco e depois desaparecer quando a TV era desligada.

Quando começava a temporada de beisebol, mamãe me trancava para fora de casa. Por mais estranho que pareça, ela era uma fã fervorosa do esporte — fervorosa mesmo. Ela adorava os Brooklyn Dodgers. Meus pais costumavam ir ao Ebbets Field, no Brooklyn, assistir aos jogos quando eu era pequena. Eu sempre ficava frustrada quando me trancavam para fora durante os jogos de beisebol. Mas acho que eu era uma peste — e falava mais que a boca.

Minha mãe também gostava de ópera, que ouvia no rádio fora das temporadas de beisebol. Mas, quanto à música, não tínhamos muitos discos — alguns discos de comédia e Bing Crosby interpretando canções de Natal. O meu favorito era a compilação *I Like Jazz!*, que tinha Billie Holiday, Fats Waller e vários grupos diferentes. Quando Judy Garland cantava “Swanee”, eu sempre me acabava em soluços...

Eu também tinha um radinho, um lindo Bakelite Emerson marrom que precisava ser ligado na tomada, com uma luz no topo e um velho mostrador curioso, com números em estilo *art déco* sobre um fundo reluzente que lembrava raios de sol. Eu grudava o ouvido na minúscula caixa de som, escutando os cantores românticos, as big bands e qualquer música que fosse popular na época. Blues, jazz e rock ainda surgiriam em minha vida...

Nas noites de verão, uma banda marcial ensaiava na área de desfile logo depois do bosque. Os Caballeros, como se denominavam, se reuniam após o trabalho. Eles estavam começando e não tinham dinheiro para os uniformes, então usavam enormes calças boca de sino da Marinha, camisetas brancas e chapéus andaluz. Eles só sabiam tocar uma música, “Valencia”. Marchavam de um lado para o outro até tarde da noite e às vezes dançavam; dava para ouvir a música flutuando pelo bosque. Meu quarto ficava no beiral da casa e tinha pequenas janelas venezianas. Eu me sentava no chão com as janelas abertas e ouvia. Minha mãe dizia: “Se eu escutar essa música mais uma vez, vou gritar!” Mas tinha metais e tambores, era barulhenta, e eu adorava.

Antes de entrar na escola, havia pouquíssimas distrações, então eu tinha muito tempo para sonhar acordada. Lembro-me de ter experiências sobrenaturais quando era pequena também. Eu ouvia uma voz vinda da lareira falando comigo, me passando algum tipo de informação matemática, acredito, mas não tinha ideia do que aquilo significava. Eu tinha vários tipos de devaneios naquela época. Fantasiava ser sequestrada, amarrada e depois resgatada pelo... não, eu não

queria ser salva pelo herói, queria ser amarrada e queria que o vilão se apaixonasse loucamente por mim.

E eu fantasiava sobre ser uma estrela. Em uma tarde ensolarada, me sentei na cozinha com minha tia Helen enquanto ela bebericava um café. Eu sentia a luz quente do sol tocando meu cabelo. Ela parou com a xícara a meio caminho dos lábios e me lançou um olhar admirado: “Querida, você parece uma estrela de cinema!” Fiquei extasiada. Estrela de cinema. Nossa!

Quando eu tinha 4 anos, minha mãe e meu pai foram até meu quarto e me contaram uma história para dormir. Era sobre uma família que escolheu o filho, disseram, assim como eles me escolheram.

Às vezes, me pego olhando no espelho e pensando: esta é exatamente a mesma expressão que minha mãe ou meu pai tinham, mesmo que não fôssemos nada parecidos e tivéssemos genes diferentes. Acho que isso fica marcado de alguma forma, pela intimidade e pela experiência compartilhada ao longo do tempo — coisas que nunca tive com meus pais biológicos. Não tenho ideia de como eles são. Depois de muitos anos, já adulta, tentei encontrá-los; descobri algumas coisas, mas nunca nos vimos.

A história que meus pais me contavam sobre como fui adotada fazia parecer que eu era especial. Ainda assim, acho que ter sido separada da minha mãe biológica depois de três meses e colocada em outro ambiente doméstico criou um medo intrincado real e inexplicável em mim.

Felizmente não fui deixada ao deus-dará — tive uma vida muito, muito afortunada. Mas acredito que era uma resposta química, que hoje consigo racionalizar e enfrentar: todos estavam tentando fazer o melhor que podiam por mim. Mas acho que nunca me senti confortável de verdade; me sentia diferente, estava sempre tentando me encaixar.

E houve uma época... houve uma época em que eu sentia medo o tempo todo.

